



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

---

**Dossiê: Atores da Reciclagem e Dinâmicas Urbanas**

V 13 | n 24 | jan-jun 2024

---

## Nas esteiras da catação: mulheres, trabalho e cuidado em uma cooperativa de catadores/as de materiais recicláveis

**Mário Ricardo Guadagnin; Vitória de Oliveira de Souza; Viviane Kraieski de Assunção**

---



**Edição eletrônica**

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (ufsc.br))

ISSN: 2558 - 2448

**Organização**

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

**Referência Bibliográfica**

GUADAGNIN, Mário Ricardo; SOUZA, Vitória de Oliveira de; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Nas esteiras da catação: mulheres, trabalho e cuidado em uma cooperativa de catadores/as de materiais recicláveis. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 13, n. 24, p. 115-136, jan-jun 2024. Semestral.

---

© NAUI

# Nas esteiras da catação: mulheres, trabalho e cuidado em uma cooperativa de catadores/as de materiais recicláveis

Mário Ricardo Guadagnin<sup>1</sup>  
Vitória de Oliveira de Souza<sup>2</sup>  
Viviane Kraieski de Assunção<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa sobre as relações entre gênero e trabalho em uma cooperativa de materiais recicláveis em Criciúma, Santa Catarina, Brasil. Por meio do método de história de vida e observação participante junto às trabalhadoras, a pesquisa identifica o trabalho de cuidado como central para a compreensão do processo de tornar-se catadora. Analisa também queixas comuns destas trabalhadoras, o cansaço e a depressão, como sintomas sociais da desigualdade social e de gênero. Por fim, destaca a criação de estratégias de cuidado entre elas como forma de minimizar seu sofrimento.

**Palavras-chave:** catadoras de recicláveis; gênero; trabalho de cuidado; divisão sexual do trabalho.

---

<sup>1</sup> É doutor em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC, 2022), mestre em Geografia (ênfase em Desenvolvimento Urbano e Regional) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2001) e graduação em Agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1988). É professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Estadual de Mato Grosso (PPGCA-UNEMAT). E-mail: [profmrguadagnin@gmail.com](mailto:profmrguadagnin@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6882-0636>

<sup>2</sup> É psicóloga, especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (UNESC) e em Filosofia e Psicanálise: teoria, clínica e cultura (FAMA) e mestranda em desenvolvimento socioeconômico (PPGDS/UNESC). É professora do curso de psicologia do Centro Universitário UNIVINTE. E-mail: [vitoria.olv.souza@gmail.com](mailto:vitoria.olv.souza@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7306-7888>

<sup>3</sup> É doutora em Antropologia Social pela UFSC, e realizou estágio-sanduíche no Institute of Latin American Studies da Columbia University, Nova York, EUA. Possui mestrado em Antropologia Social (2007) e graduação em Jornalismo (2002) pela UFSC. Realizou pós-doutorado em Antropologia na Vrije Universiteit Amsterdam. Foi professora visitante na San Diego State University, California, EUA (Center for Brazilian Studies Sustainability). É professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da UNESC. E-mail: [vivianekraieski@gmail.com](mailto:vivianekraieski@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0118-2486>

---

## Tras la búsqueda de basura: mujeres, trabajo y cuidados en una cooperativa de recolectores de materiales reciclables

### Resumen

Este artículo es resultado de una investigación sobre la relación entre género y trabajo en una cooperativa de materiales reciclables en Criciúma, Santa Catarina, Brasil. A través del método de historia de vida y la observación participante con los trabajadores, la investigación identificó el trabajo de cuidado como central para comprender el proceso de convertirse en coleccionista. También analizó quejas comunes de estos trabajadores, como el cansancio y la depresión, como síntomas sociales de desigualdad social y de género. Finalmente, destaca la creación de estrategias de cuidado entre ellos para minimizar su sufrimiento.

**Palabras clave:** recolectores de materiales reciclables; género; trabajo de cuidado; división sexual del trabajo.

## In the wake of scavenging: women, work and care in a cooperative of recyclable material collectors

### Abstract

This article results from research on the relationship between gender and work in a cooperative of recyclable materials in Criciúma, Santa Catarina, Brazil. Through the life history method and participating observation with the workers, the research identified the work of care as central to understanding the process of becoming a collector. He also analyzed common complaints from these workers, such as tiredness and depression, as social symptoms of social and gender inequality. Finally, it highlights the creation of care strategies among them to minimize their suffering.

**Keywords:** recyclable material collectors; gender; care work; sexual division of labor.

## Introdução

O contexto no qual se encontram catadoras e catadores de materiais recicláveis no Brasil é, de modo geral, extremamente insalubre e precário. A crescente presença de trabalhadores e trabalhadoras nesse nicho foi acompanhada por uma inserção, na agenda política, dos debates sobre os problemas socioambientais, entre os quais as questões relativas à destinação e ao tratamento dos resíduos sólidos. Como resultado, houve a instituição, em 2010, da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (Lei n. 12.305). Longe de resolver efetivamente tais questões, a lei incentiva a formação de empreendimentos solidários de catadores e catadoras,

---

além de dar diretrizes para a criação dos planos municipais que têm a finalidade de orientar os gestores públicos para a criação e implementação de ações que visem à melhoria da gestão dos resíduos e à inclusão socioprodutiva de trabalhadores e trabalhadoras.

Apesar de a PNRS ter sido criada há mais de dez anos, ainda assim constatamos, como analisam Miura e Sawaia (2013), que a catação continua envolta em uma perversidade, pois, segundo as autoras, o processo de “tornar-se catador ou catadora” configura-se como um movimento de inclusão excludente. Ou seja, embora estas trabalhadoras e estes trabalhadores garantam sua existência inserindo-se no modo de produção capitalista por meio de sua força de trabalho, vivem em espaços periféricos, possuem condições de trabalho precárias e, ainda, em outro prisma, suas dinâmicas de trabalho reproduzem desigualdades de gênero.

No Brasil, os anuários da reciclagem elaborados pela ANCAT e Instituto PRAGMA (Ancat, Pragma, 2020, 2021; Instituto Pragma, 2023) confirmam que as mulheres estão em maior número nas organizações de catadores e catadoras, aproximadamente 54% dos trabalhadores da catação. Nos empreendimentos solidários de catadores e catadoras, como as cooperativas e associações, estudos anteriores já apontavam para o protagonismo feminino, afirmando que elas ocupavam 59% dos cargos (MNCR, 2014, Martins *et al.*, 2016). Essa prevalência de mulheres em um trabalho socialmente desvalorizado levou autoras, como Wirth (2013), Cherfem (2014), Martins *et al.* (2016) e Vallin (2016), por exemplo, a afirmarem que há uma relação direta entre a feminização e a precariedade do trabalho da catação.

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada em uma cooperativa de catadoras e catadores de materiais recicláveis no município de Criciúma, localizado no sul do estado de Santa Catarina, que buscou analisar as relações de gênero e trabalho no contexto da catação de recicláveis por meio das histórias de vida das trabalhadoras. Elas mostraram que a atividade da catação está intrinsecamente relacionada ao trabalho de cuidado, sobretudo de suas próprias famílias, seja no papel de mães, avós e/ou esposas. Além disso, no âmbito das relações de trabalho, foi possível identificar a divisão sexual do trabalho, corroborando com pesquisas como as de Wirth (2013), Cherfem (2014) e Vallin (2016). Longe de constituir uma complementação de tarefas entre homens e mulheres, a divisão sexual do trabalho expressa relações assimétricas de poder entre os sujeitos (Hirata; Kergoat, 2007).

Neste artigo, discutimos as relações desiguais que reverberam no lócus de estudo, sobretudo no que diz respeito à divisão sexual do trabalho e ao cuidado, enquanto uma categoria

de trabalho invisibilizado e estritamente relacionado ao processo de tornar-se catadora. A estas discussões, acrescentamos uma problematização acerca das queixas frequentes das participantes da pesquisa sobre o cansaço e o sofrimento psíquico. Pensamos no corpo enquanto construção social inserido na lógica do capitalismo neoliberal. Refletimos, então, sobre a necessidade de abordar a constituição social das dores e do sofrimento psíquico, da medicalização do mal-estar e dos rituais empreendidos por elas em seu cuidado.

## Procedimentos metodológicos

A pesquisa com as catadoras de materiais recicláveis foi possibilitada pela participação dos pesquisadores em um projeto de extensão<sup>4</sup> envolvendo uma cooperativa de materiais recicláveis e que incluía a realização de atividades psicossociais com as trabalhadoras. Esta participação envolveu também o acompanhamento das atividades de trabalho pelo período de um ano e meio, com a devida autorização da presidência da cooperativa, e permitiu a construção de laços.

Durante a pesquisa, foram adotados dois procedimentos metodológicos: história de vida e observação participante. O primeiro procedimento – história de vida – foi escolhido para compreender a trajetória de vida desses sujeitos, partindo de suas próprias narrativas a respeito do processo de tornar-se catadora e a construção de sua história com as relações de trabalho. História de vida pode ser definido aqui a partir da concepção de Queiroz, como

[...] o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar (Queiroz, 1988, p. 20).

Este método possibilitou reflexões sobre a constituição destes sujeitos por meio de suas relações sociais, principalmente as relações de parentesco, além de permitir visualizar pontos semelhantes nas trajetórias de vida das trabalhadoras.

---

<sup>4</sup> O projeto de extensão “Coleta Seletiva Solidária”, de caráter interdisciplinar, foi desenvolvido pela Unesc no período 2008-2021. Consistia num espaço dinâmico de ação-reflexão-ação junto aos catadores e às catadoras para a inclusão socioeconômica produtiva no programa de coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos recicláveis no município de Criciúma – SC (Assunção *et al.*, 2019).

Para esta pesquisa, foram realizadas dez entrevistas ao todo: dez mulheres catadoras de materiais recicláveis; a vice-presidenta da cooperativa e o presidente do empreendimento solidário. As entrevistas foram gravadas com gravador de voz e integralmente transcritas.

Paralelamente à realização das entrevistas, a participação no cotidiano da cooperativa trouxe uma aproximação com as trabalhadoras, que podem ser consideradas aqui parceiras da pesquisa (Malheiro, 2018). As observações desse processo de interação durante a realização da pesquisa foram registradas em um diário de campo.

Ambos os procedimentos metodológicos trouxeram elementos para a problematização do trabalho na cooperativa a partir de uma perspectiva micropolítica, permitindo reflexões sobre questões cotidianas e recorrentes, como, por exemplo, as queixas frequentes das trabalhadoras sobre as dores no corpo, analisadas neste artigo como um sintoma social.

## **Cooperativas e economia solidária: superação ou reprodução das desigualdades de gênero?**

A Política Nacional de Resíduos Sólidos contempla, como um de seus instrumentos, “o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis” (Brasil, 2010)<sup>5</sup>. A lei também prevê que os municípios que “implantarem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda” (Brasil, 2010) terão prioridade no acesso a recursos do Governo Federal.

A inclusão e valorização das cooperativas e associações na lei federal é resultado das mobilizações e da luta política empreendidas pelos movimentos sociais de catadores, principalmente nas duas últimas décadas, e também obtiveram êxito no reconhecimento da profissão de catador, registrada no Código Brasileiro de Ocupações (CBO) desde 2000<sup>6</sup> (Bouvier; Dias, 2021).

---

<sup>5</sup> Art. 8, inciso IV

<sup>6</sup> Além da PNRS, há também outros marcos legais em prol do cooperativismo e do associativismo destes trabalhadores, como a Lei de Saneamento Básico (n. 11.445/2007), que permite às prefeituras contratarem associações e cooperativas de catadores com dispensa de licitação para o serviço de coleta seletiva; o Decreto Pró-Catador (n. 7.405/2010), que institui o Programa Pró-Catador e denomina Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis, integrando e articulando as ações do

De acordo com Singer (2000), a economia solidária – constituída pelos empreendimentos solidários, entre os quais as cooperativas – é formada por aqueles que estão às margens do mercado capitalista, e constituem, por isso, alternativas a este modo de produção econômica. Como contraponto a uma lógica de produção excludente, marcada pela competitividade e busca de lucratividade, a economia solidária propõe relações de trabalho mais igualitárias e pautadas nos princípios de emancipação social e realização pessoal dos sujeitos (Cattani, 2003). Além da cooperação entre os membros, a autogestão e a democracia participativa devem compor os princípios destes empreendimentos solidários.

As cooperativas de catadores são compreendidas como meios para reduzir a pobreza e minimizar os impactos da degradação ambiental. De acordo com Medina (2000), estes empreendimentos podem oferecer melhores condições de trabalho e renda para seus membros por terem maior possibilidade de inserção no mercado, marcado pela forte atuação de intermediários e pelo monopólio das indústrias que processam materiais recicláveis (Medina, 2000).

No entanto, algumas destas organizações de catadores e catadoras de materiais recicláveis reproduzem as relações e condições de trabalho regidas pela lógica do capital, como a hierarquização entre os membros, o produtivismo e a mercantilização.<sup>7</sup> No caso da cooperativa onde o estudo foi realizado, estas constatações podem ser confirmadas. As formas de tratamento estabelecidas nas relações de trabalho refletem a hierarquia entre os cooperados e o presidente, denominado como “patrão”.<sup>8</sup>

Além disso, a ausência de proteção e direitos sociais, falta de qualificação formal e baixa renda dos trabalhadores e trabalhadoras caracterizam a precariedade do trabalho no empreendimento solidário. Cabe ressaltar que a maioria dos sujeitos revelou o desejo de possuir um “emprego fichado”, por proporcionar direitos trabalhistas como férias, seguro-desemprego e, principalmente, aposentadoria.

---

Governo Federal favoráveis aos trabalhadores da catação; o Decreto n. 5.940/2006, que institui a coleta seletiva em órgãos públicos federais e destinação dos materiais recicláveis às associações e cooperativas de catadores.

<sup>7</sup> No início do século XX, Rosa Luxemburgo (1970) já alertava sobre a contradição entre esta lógica de operação das cooperativas e o cenário externo, marcado pela hegemonia do capitalismo, o qual pressionaria os trabalhadores cooperados a atuarem como empresários capitalistas.

<sup>8</sup> Estas categorias são utilizadas entre aspas para serem problematizadas. Os trabalhos executados por mulheres e homens na cooperativa são repetitivos e realizados sem condições e equipamentos de segurança, o que torna frequentes as dores no corpo e outros problemas de saúde.

A partir da pesquisa se constatou que esta hierarquização do trabalho não é, entretanto, neutra em termos de gênero. O trabalho na cooperativa apresenta uma divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009), reproduzindo a dicotomia entre “trabalho leve” e “trabalho pesado”<sup>9</sup>: enquanto as mulheres, em maior número, realizam a triagem dos materiais, os homens fazem a prensagem daquilo que foi separado. Em alguns momentos, na ausência dos homens, as mulheres também trabalham na prensa<sup>10</sup> e, quando necessário, retiram os materiais dos caminhões. É interessante perceber, neste caso, que a trabalhadora que realiza este serviço, por ser considerada portadora de maior força física, é constantemente denominada de “machorra” pelas companheiras de cooperativa, o que denota a masculinização da mulher que ocupa uma função que não corresponde à expectativa social e produtiva acerca de seu gênero.

A alta rotatividade da força de trabalho na cooperativa é constante. No início da pesquisa, havia 15 catadores e catadoras trabalhando no empreendimento. Em outros momentos, este número diminuiu para nove. Um destes momentos foi o período de colheita de batatas nos municípios vizinhos de Criciúma, quando algumas das catadoras saíram da cooperativa para trabalhar na colheita. Também houve redução do número de trabalhadores e trabalhadoras no período de paralisação da coleta seletiva do município devido à falta de pagamento da prefeitura para a empresa responsável e atrasos no novo processo licitatório, o que levou à suspensão dos pagamentos pela cooperativa devido à falta de material para triagem. É importante observar que durante todo o período da pesquisa as mulheres constituíram a maior parte da força de trabalho, sendo as únicas responsáveis pela triagem do material reciclável.

A concentração de mulheres em nichos precários e informais na América Latina é analisada por Abramo e Valenzuela (2006) como “estratégias de ajustes”, que conciliam a atividade remunerada com as responsabilidades familiares. Neste sentido, “as mulheres estão particularmente sobre-representadas em trabalhos menos produtivos e precários, com pouco acesso a uma remuneração adequada e justa, à proteção social e direitos fundamentais do

---

<sup>9</sup> Wacjman (1998) problematiza a naturalização deste trabalho realizado por homens por meio de tecnologias, denunciando as relações de poder que o perpassam. Segundo a autora, as máquinas são, de forma geral, grandes e pesadas, produzidas para serem utilizadas apenas por homens.

<sup>10</sup> O trabalho doméstico no Brasil está historicamente atrelado à escravidão e outras heranças que persistem na constituição das relações sociais. Segundo Ávila (2016, p. 139), o trabalho doméstico apresenta tempos históricos diferenciados no País. Há, de um lado, sua inserção na esfera da cidadania, resultado de lutas sociais que levaram ao seu reconhecimento no campo das leis. De outro, tem-se a manutenção de “práticas ilegais e servis”, que constituem o contraditório processo de democratização brasileiro e latino-americano (Ávila, 2016).

trabalho” (Abramo; Valenzuela, 2006, p. 15, tradução nossa), características do trabalho realizado pelas parceiras desta pesquisa. A inter-relação entre a precariedade do trabalho e as responsabilidades relativas ao cuidado surgem nas histórias de vida das participantes da pesquisa e serão discutidas na próxima seção.

## **Precariedade, divisão sexual do trabalho e cuidado**

Por meio da abordagem das histórias de vida, chegamos a uma questão: quem são as mulheres que estão nas esteiras da catação da cooperativa de catadores e catadoras de materiais recicláveis? Foi possível identificar quem são essas trabalhadoras: quatro delas nasceram em Criciúma e as demais em outros municípios catarinenses (Jacinto Machado, Joinville e Sombrio) e dos estados do Paraná (Laranjeiras do Sul) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Santa Maria e Três Forquilhas). As mulheres provenientes de outras cidades contaram ter migrado para Criciúma devido a laços de parentesco e, principalmente, em busca de melhores condições de vida, a exemplo do relato de M., que se mudou com a família aos 13 anos:

É que nós já tinha parente que morava aqui e como tava muito difícil lá, de serviço, essas coisas, nós passava muita necessidade, daí nós resolvemos vir pra cá, que aqui era bom de emprego, ganhava mais, né?, porque nós lá trabalhava e tudo, mas nós não tinha nem pra comer. (M., 26 anos).

No momento da entrevista, as participantes da pesquisa tinham idades entre 18 e 54 anos. São brancas e possuem baixa escolaridade (a trabalhadora com maior escolaridade contou ter completado o oitavo ano do ensino fundamental). Com exceção de uma trabalhadora, todas residem em um bairro periférico do município próximo, onde está localizada a cooperativa.<sup>11</sup> O presidente da cooperativa, por sua vez, possui o maior grau de escolaridade – ensino superior incompleto, e recebia aposentadoria como caminhoneiro.

Antes de trabalharem na cooperativa, as participantes da pesquisa afirmaram ter realizado outros trabalhos, principalmente relacionados à limpeza doméstica e em empresas, mas algumas também já tinham tido experiências em outras funções de baixa remuneração, como funcionária de frigorífico, caixa de supermercado, auxiliar de cozinha, entregadora de

---

<sup>11</sup> De acordo com o presidente da cooperativa, as catadoras e os catadores recebem R\$ 50,00 por dia trabalhado, o que implica uma rotina de trabalho das sete horas da manhã às cinco horas da tarde, com pausa de uma hora para o almoço.

panfletos e na agricultura. Durante as entrevistas, foram recorrentes os relatos de já terem trabalhado anteriormente na cooperativa e terem saído e retornado após a experiência em outros trabalhos. Pelo menos duas delas contaram ter tido outras experiências de trabalho com materiais recicláveis: uma trabalhou com a coleta e triagem de material com o ex-companheiro e outra no auxílio ao pai, que foi catador autônomo.

As participantes da pesquisa relataram ter começado a trabalhar na cooperativa por meio de seus laços pessoais – indicação de parentes ou amigos – com destaque para as relações de vizinhança, já que quase a totalidade delas é moradora do mesmo bairro onde se localiza o empreendimento. É importante ressaltar que uma das trabalhadoras era companheira do presidente da cooperativa e outras duas eram mãe e filha.

A realização da pesquisa evidenciou características comuns entre as trabalhadoras da cooperativa. Todas eram mães. Das nove mulheres entrevistadas, quatro relataram terem se tornado mães jovens – por volta dos 18 anos de idade, o que as teria levado a abandonar a escola antes de completar o ensino fundamental. Além disso, três apontaram outros motivos para a evasão escolar: as dificuldades de aprendizado e a necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento de suas famílias.

Bessin e Gaudart (2009) reconhecem que a dimensão da vida pessoal tem implicações diferentes para homens e mulheres no trabalho. A dicotomização e hierarquização dos mundos sociais categorizados por sexos produzem gestões diferenciadas no modo como as atividades se ancoram na esfera profissional. Enquanto ser pai de vários filhos pode beneficiar a carreira profissional dos pais, as mães, na mesma situação, tendem a ser prejudicadas. Neste sentido, há uma articulação entre os domínios público e privado, que se interpenetram, produzindo desigualdades na esfera laboral.

No caso das trabalhadoras da cooperativa, estas condições sociais desiguais produzem limites no seu acesso ao mercado de trabalho. Segundo as interlocutoras da pesquisa, o trabalho que desempenham na cooperativa é preferível ao trabalho como empregadas domésticas<sup>12</sup> – apontado por elas como alternativa de renda.

---

<sup>12</sup> Assim como Foucault, em *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1979), analisa o surgimento da sexualidade a partir da hipótese repressiva da era vitoriana, Dunker pensa a hipótese depressiva enquanto imperativo do nosso tempo.

A escolha pela catação vem imbricada com a possibilidade de flexibilização da jornada de trabalho. As participantes da pesquisa explicam que o trabalho na cooperativa proporciona a elas maior autonomia na gestão do tempo, principalmente para se dedicarem ao cuidado dos(as) filhos(as), enteados(as), netos(as) e maridos, como pode ser percebido nos relatos abaixo:

O máximo que eu consigo ficar [na cooperativa] é seis meses... por causa das crianças, né? Eles param mais aqui do que em casa, né... aí agora, só esse ano, eu vou terminar e vou parar, daí depois vou ficar em casa com a menina, porque aí é ruim ficar pagando uma pessoa pra ficar com ela (F., 27 anos).

Trabalhei só em frigorífico... só na Tramonto, na Agroveneto e na Seara. Já tava trabalhando, né, quando eu vim pedir serviço para o P. [presidente da cooperativa]. Tava na Tramonto, eu só ia sair se ele me desse aqui, né, porque, assim, tava ruim... Naquele tempo, a menina era muito novinha e ela mamava... daí lá era muito frio e meu leite escorria... e eu saía de madrugada e deixava ela com meu marido pra levar pra creche... Daí tinha muito tempo de encher os seios, porque ficava das 3 até as 5 horas sem dar mamá pra ela... Era muito, muito ruim... (P., 27 anos).

Durante o trabalho de campo, foi constatado que é frequente que as mulheres falem a alguns dias de trabalho, o que é justificado pela necessidade de cuidado de algum membro da família. Isso implica uma redução de seus ganhos financeiros, já que os membros da cooperativa recebem por dia trabalhado.<sup>13</sup> Este contexto de flexibilização do trabalho, como aponta Castells (2006), torna os trabalhadores mais dependentes das negociações individuais com seus patrões, já que sua proteção institucional é reduzida.

Como observa Vallin (2016), os esforços para conciliar as atividades de mãe, cuidadora e catadora resultam em sobrecarga para estas mulheres, que enfrentam tanto a desvalorização do trabalho profissional quanto a invisibilização do cuidado e de outras funções domésticas como trabalho. “Essa condição afeta suas remunerações, uma vez que por sua jornada reprodutiva flexibilizam seu trabalho e acabam produzindo menos, o que contribui para fortalecer a imagem do homem catador na hierarquização das relações de trabalho” (Vallin, 2016, p. 24).

Estas observações corroboram com os estudos sobre trabalho e gênero que apontam também que as mulheres continuam associadas às esferas doméstica e reprodutiva (Kergoat,

<sup>13</sup> Esta análise foucaultiana pode ainda ser corroborada pelas críticas realizadas por Illich (1975) à medicina moderna, que, segundo o autor, produz relações de dependência dos cuidados de especialistas para lidar com os sofrimentos. Neste sentido, a legitimidade da medicina contribui para a construção de sujeitos passivos, desprovidos de autonomia, incapazes de lidarem com as dificuldades da existência.

2009), enquanto os homens são relacionados à esfera pública. Devido à multiplicidade de tarefas desempenhadas pelas mulheres (como mães, esposas e cuidadoras, por exemplo), elas tendem a realizar trabalho não-remunerado com mais frequência, o que seria consequência da manutenção de valores culturais relacionados a um sistema social patriarcal (Degraff; Anker, 2004). Como expõe Bruschini (2000, p. 16-17), “a constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de estado conjugal e a presença dos filhos”.

A divisão sexual do trabalho aparece, então, articulada com a organização das relações familiares. Neste sentido, os espaços público e privado – ou os espaços da casa e da rua, ou da família e do trabalho – não se opõem, mas possuem uma relação intrínseca. No ambiente doméstico, por meio dos processos de socialização, são construídas as relações hierarquizadas entre homens e mulheres, nas quais cabe aos homens o papel de provedor e, às mulheres, a reprodução da espécie. As desigualdades de gênero reproduzidas no trabalho “fora de casa” referem-se a esta lógica social inserida no contexto familiar (Hirata, 2009).

A pesquisa evidenciou ainda que as relações de cuidado não estão presentes apenas no âmbito privado ou familiar. Internamente, enquanto o presidente da cooperativa é chamado de “patrão” – o que remete à reprodução das relações patronais do meio empresarial –, a vice-presidenta da cooperativa é tida como “mãe” pelas trabalhadoras, aproximando-a da esfera doméstica. Percebe-se ainda, entre as mulheres, um cuidado mútuo e uma afetividade demonstrados nas brincadeiras e diálogos corriqueiros, inclusive na criação de estratégias para lidar com as dores físicas e psíquicas.

## **O corpo do trabalho: o cansaço e a dor como sintomas sociais**

Durante a realização da pesquisa de campo, foram observadas constantes queixas das trabalhadoras sobre cansaço e dores no corpo. Em uma das tardes que combinamos a entrevista com a vice-presidenta da cooperativa, houve um conflito entre as trabalhadoras e o presidente da cooperativa. Isso porque elas desejavam comer enquanto triavam os materiais para que pudessem terminar o trabalho mais cedo, mas ele não autorizou.

Uma das pesquisadoras chegou no horário marcado para a entrevista e, diante da situação de conflito, quis entender o que estava acontecendo. Uma das mulheres então lhe disse:

---

*“A gente queria sair mais cedo hoje. Ele [presidente da cooperativa] deveria entender que estamos exaustas... Porém, ele não está nem aí, quer saber é de produção”.* A questão do desejo das trabalhadoras de renunciar ao tempo de descanso para terminar o trabalho mais cedo denota a exaustão e a precariedade do presente contexto.

Outro registro importante é que, durante a realização das atividades psicossociais, ao iniciar o trabalho em grupos, sempre era questionado como elas estavam naquela semana e, na maioria dos dias, as queixas de dores físicas, cansaço e desânimo eram frequentes, tanto que, sempre que possível, pediam atividades de “relaxamento”.

Ávila, em pesquisa realizada com empregadas domésticas em Recife, também observou as recorrentes queixas de cansaço e exaustão, cujos impactos não podem ser desprezados nas várias dimensões da vida destas mulheres. Segundo a autora:

São a forma corporal que toma a sobrecarga de trabalho e que vai incidir sobre o lazer, os rendimentos nos estudos, a qualidade da participação política, uma vez que o cansaço é um entrave para se manter com disposição para usufruir de outras dimensões da vida cotidiana e participar dos espaços coletivos de organização política (Ávila, 2016, p. 141).

Entende-se aqui o corpo como instrumento de trabalho e recurso para reprodução das condições de existência. Neste sentido, o corpo das mulheres constitui-se como lócus da exploração do trabalho, portador de marcas sociais (Bourdieu, 2007), e reverbera, por meio dos sintomas, as consequências das desigualdades, incluindo as de gênero. Neste sentido, conforme Santos (2009), “aquilo que parece ser algo extremamente individual, ou seja, a vivência de um conjunto de mal-estares no âmbito subjetivo, e também a vivência de cada um como mulher ou como homem, expressa regularidades que são moldadas por uma dada configuração social”. Ao problematizar as queixas físicas e psíquicas das mulheres participantes da pesquisa, a inquietação surge para além de sintomas, expressando-se nas relações sociais que engendram as desigualdades de gênero.

Além do cansaço e da exaustão, as participantes da pesquisa também se referiam a outros aspectos relacionados ao sofrimento psíquico, que elas mesmas associavam à depressão, ansiedade e síndrome do pânico. Algumas delas realizavam acompanhamento médico pelo Sistema Único de Saúde e já haviam sido diagnosticadas com uma destas condições.

Em seus apontamentos acerca do sofrimento psíquico, mais especificamente, sobre a depressão,<sup>14</sup> Dunker (2021) nos leva a refletir a partir da compreensão de que ela é gestada com o neoliberalismo. Em termos gerais, ele nos diz que o sofrimento ocasionado pela depressão, que já foi empecilho para a produção, hoje pode ser mitigado e instrumentalizado a partir de sua individualização, oriunda do modelo neoliberal, culpabilizando o próprio sujeito pelo seu “fracasso”.

Essas formas de assujeitamento e reconhecimento de si, a partir dos sintomas, e o recrudescimento de uma racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016) apontam que outras formas de subjetividade estão em curso. Elas versam sobre a exigência de uma produção intermitente e a individualização de conflitos psíquicos, que são, sobretudo, oriundos das nossas atuais formas de existência.

É importante considerar ainda o engendramento desses sofrimentos, pautando o gênero enquanto categoria estruturante dos conflitos psíquicos, que se manifestam também ao nível corporal. A partir desta abordagem, é possível tecer críticas sobre como os sintomas produzidos nas tramas das relações de gênero são tidos como “femininos” (Zanello, 2018). Valeska Zanello (2018) aponta para a necessidade de pensar acerca das tecnologias de gênero e como elas produzem modos de agir, sentir e viver. Através de seus dispositivos de subjetivação, o caso dos sintomas que aqui evidenciamos como originados a partir das complexas relações sociais, marcadas pelas normas de gênero e operacionalizadas a partir das desigualdades de classe, tornam-se patologias do social e se inscrevem nas vidas dessas mulheres a partir do *script* de gênero (Zanello, 2018). É interessante frisar que, ainda que a responsabilização das mulheres pelo trabalho de cuidado lhes cause sobrecarga e, conseqüentemente, queixas de dores e sofrimento, o cuidado também é uma ação que ocorre entre as trabalhadoras, constituindo formas de enfrentamento destes problemas.

---

<sup>14</sup> É importante esclarecer que a cooperativa onde foi feita a pesquisa realiza a triagem do material reciclável de Criciúma, mas está localizada em um bairro periférico de um município vizinho. Assim como em outros municípios do Estado de Santa Catarina (Luchese *et al.*, 2021), evidencia-se a segregação socioespacial dos empreendimentos solidários de catadores e catadoras. A cooperativa onde foi realizado o presente estudo encontra-se em um bairro com baixa infraestrutura urbana e historicamente marcado pela degradação ambiental, já que lá se encontram depósitos de rejeitos da mineração de carvão.

---

## Consumo de medicamentos, estratégias de cuidado e seus rituais coletivos

Durante o trabalho de campo, sobretudo em conversas antes e depois das entrevistas, foi observado que as catadoras frequentemente encontravam medicamentos durante a triagem do material reciclável. Estes medicamentos eram distribuídos entre elas e consumidos também por elas. Além das medicações encontradas, as que eram conseguidas por prescrição médica também tinham, na maioria das vezes, um uso coletivo. Esses episódios eram recorrentes, quase que diários, segundo observado durante o trabalho de campo e o relato das próprias trabalhadoras.

Para além de uma abordagem da segurança do trabalho e da saúde dos trabalhadores e trabalhadoras pautada em uma abordagem biomédica e de caráter tecnicista, propõe-se compreender este consumo por meio de duas vias. Primeiro, compreende-se este consumo inserido na lógica da medicalização constitutiva das sociedades capitalistas, nas quais os indivíduos e seus corpos são passíveis de serem controlados e manejados pela medicina. Aliás, toma-se a própria presença destes medicamentos no lixo como reflexo deste sistema capitalista, operando sua lógica de produção, consumo e descarte.

Como analisa Foucault (2008), o desenvolvimento da medicina moderna ocorre paralelamente ao avanço do capitalismo, contribuindo para a transformação dos corpos em força de trabalho. Estas tecnologias de poder, que se constituem a partir da concepção do corpo como máquina, originadas no século XVII, perpassam os corpos e visam potencializar a capacidade produtiva humana, aumentando suas aptidões, ao mesmo tempo em que contribuem para o desenvolvimento de sua docilidade e diminuição de sua capacidade de resistência, agindo de forma integrada como sistemas eficazes de controle e econômicos.

Este processo se desdobra a partir do século XVIII, quando surge a concepção de corpo-espécie, que fundamenta um conjunto de formas de controle e intervenção nos corpos visando à regulação dos processos biológicos, como nascimento, mortalidade, nível de saúde, duração da vida e longevidade (Foucault, 2019).

Assim, o poder – pensado também a partir de sua positividade – é exercido sobre o corpo visando ao seu adestramento e aprimoramento (Machado, 2009, p. 172). Sugere-se que os medicamentos podem, neste sentido, ser compreendidos como uma “tecnologia disciplinar”, que contribui para o exercício do poder sobre o corpo.

Byung-Chul Han (2017) analisa que a sociedade disciplinar analisada por Foucault foi superada pela sociedade do cansaço, termo cunhado pelo filósofo sul-coreano. Nela, os indivíduos internalizaram os mecanismos de controle, desenvolvendo a auto-exploração. Impelidos pela positividade e destituídos da alteridade, os indivíduos passaram a ser os únicos responsáveis por seus sucessos e fracassos. Os medicamentos podem ser considerados essenciais nesta sociedade do cansaço, que Han (2017) também denomina de “sociedade do doping”. Eles, assim como outros dispositivos, contribuem para manter os indivíduos ativos, permitindo-lhes melhorar seus desempenhos.

Nesta perspectiva, há uma produção de saber sobre os sofrimentos físicos e psíquicos, que constitui um processo de normalização da vida, classificando os indivíduos a partir de diagnósticos médicos. O crescimento da indústria farmacêutica, favorecido pelo consumo de medicamentos, resulta destas relações capitalistas com o biopoder, que promove formas de consumo para lidar com os males e dores.<sup>15</sup> Este consumo de medicamentos volta-se, na maioria das vezes, para o alívio dos sintomas, sem levar à problematização de suas causas, que envolvem também dimensões sociais.

Cabe aqui também pontuar que a estas duas análises – a da sociedade disciplinar de Foucault e a da sociedade do cansaço de Han (2017) – é necessário acrescentar a perspectiva de gênero. Rohden (2001, p. 52) revela uma assimetria praticada entre a medicina e as mulheres, já que os corpos femininos são historicamente mais medicalizados do que os masculinos. Por meio de uma análise histórica, Rohden (2001) cunha a medicina moderna, especialmente em suas especialidades relacionadas às mulheres, a ginecologia, por exemplo, como uma “ciência da diferença”, que busca retificar noções biologizantes referentes às diferenças percebidas entre os gêneros, comumente designadas como diferenças entre os sexos.

Assim, a medicina contribuiu ativamente para a concretização destas diferenças e da negação de qualquer influência cultural sobre os corpos e comportamentos dos sujeitos, reforçando a suposta tendência natural do papel de mãe e esposa para as mulheres, e de provedor para os homens (Rohden, 2001, p. 15). A natureza feminina passa a ser definida em termos

---

<sup>15</sup> A reprodução das relações patronais foi evidenciada nas falas das trabalhadoras quando questionadas sobre o que compreendiam como cooperativa. Além de “patrão”, o presidente foi, por vezes, denominado como “dono”, que detinha, dentre suas atribuições, o ato de “mandar”. Apenas uma trabalhadora mencionou as diferenças entre as cooperativas e outros arranjos que seguem a lógica patronal, destacando, em sua fala, que a cooperativa “não tem dono” (Assunção *et al.*, 2019).

naturais, por meio de processos fisiológicos, tais como o ciclo menstrual. Deste modo, podemos pensar que essas construções sócio-históricas contribuem para que a maternagem e o trabalho de cuidados – imbricados no processo de tornar-se catadora das participantes da pesquisa – sejam naturalizados como femininos, intensificando a sobrecarga de trabalho invisibilizado.

Ainda que se reconheçam as forças que precarizam as condições de vida e as relações de poder e saber que produzem as desigualdades, incluindo as de gênero, e, retomando Foucault (2019), é preciso reconhecer que as formas de dominação não impedem as resistências, que podem ocorrer por meio de microações cotidianas. Deste modo, apresentamos aqui a segunda via de compreensão do uso de medicamentos pelas trabalhadoras: este consumo, que se constitui como produtor e produto das relações desiguais que engendram os sofrimentos físicos e psíquicos da sociedade capitalista contemporânea, pode também ser parte da construção de estratégias de enfrentamento destas condições de vida.

Neste sentido, destaca-se que o consumo de medicamentos entre as catadoras não era um fim em si e pode ser considerado como constituinte de um ritual de cuidado dessas mulheres. Isso porque este consumo funcionava de maneira recorrente e repetia um padrão semelhante. De acordo com as queixas que elas apresentavam, que iam desde dores nas costas e na cabeça até sintomas de pânico, formava-se uma rede de cuidado entre elas, que selecionavam as medicações encontradas entre os resíduos e as administravam entre si.

Aqui cabe retomar a concepção de ritual de Byung-Chul Hahn para compreendê-lo como uma estratégia de resistência. Para o autor, o ritual é uma ação simbólica que promove a estabilização da vida, porque são capazes de transmitir valores e representam uma ordem na qual a comunidade está fundamentada. “Rituais produzem uma distância de si, uma transcendência de si. Eles despsicologizam, desinteriorizam seus atores” (Han, 2021, p. 21). O ritual torna possível o encontro coletivo, já que pode ser definido como uma “técnica simbólica de encasamento”. Assim, em um mundo impelido a produzir constantemente sempre o novo, o ritual opera, através da repetição, como proteção: “Onde cessam de existir rituais na condição de dispositivos de proteção, a vida está desprotegida por completo” (Han, 2021, p. 30).

Por esta via de análise, pensar os momentos de troca de medicamentos e de modos de administração durante o trabalho de triagem como rituais implica considerá-los em sua potencialidade de construir vínculos e alianças entre estas trabalhadoras, em tempos que apelam para a individualização e atomização dos sujeitos (Han, 2017). Pressupõe também colocar em

---

destaque outras ações que ocorrem durante o tempo sem pausas do neoliberalismo (Han, 2021), que, ainda que não interrompam a lógica da produção, criam modos de lidar com as dores e sofrimentos.

## Considerações finais

Na literatura sobre o trabalho da catação de materiais recicláveis, a precariedade aparece como um fator intrínseco, seja pela insalubridade da realização do trabalho (falta de equipamentos de segurança adequados, periculosidade), seja pela baixa remuneração e estigma social vinculado ao fato de ser catador, conforme abordado por Miura e Sawaia (2013). Além disso, quando analisamos esse contexto a partir do entrecruzamento da categoria de gênero, há ainda questões específicas da divisão sexual do trabalho a serem consideradas, como evidenciado nesta pesquisa.

Avançando no debate da estratificação social de catadores e catadoras, temos as mulheres como categoria majoritária realizando o trabalho de base, que é a triagem de materiais, tida como função “menos” valorosa nessa cadeia de reciclagem formada por diferentes funções. Nesse sentido, retomamos a questão da desigualdade generificada, ou seja, inscrita a partir dos papéis de gênero.

Diante das possibilidades apresentadas na presente pesquisa, destacamos a questão essencial do trabalho de cuidado, que permeou toda a execução deste estudo, seja pelo cuidado realizado entre elas no contexto das relações presentes na catação, a partir de uma necessidade de flexibilização de seus demais trabalhos, que a atuação na cooperativa permitia, mesmo que isso implicasse receber menos.

Por fim, considerando as queixas frequentes de cansaço e outros males de ordem psíquica das participantes da pesquisa, tensionamos a produção neoliberal do mal-estar por meio de sua ação individualizante e culpabilizadora do sofrimento. Destacamos a análise acerca da medicalização tanto como produto da sociedade capitalista neoliberal contemporânea quanto como estratégia de cuidado entre elas, enquanto promotora de saúde diante do contexto precário em que estas trabalhadoras se encontram.

---

## Referências

ABRAMO, L.; VALENZUELA, M. E. Inserción laboral y brechas de equidad de género en América Latina. In: ABRAMO, L (Ed.). **Trabajo decente y equidad de género en América Latina**. Santiago: OIT, 2006. Disponível em: <http://www.institutouejn.nqnwebs.com/documentos/genero/Trabajo%20decente%20y%20equidad%20de%20g%C3%A9nero%20en%20America%20Latina.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2021.

ANCAT – Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis. PRAGMA Soluções Sustentáveis. **Anuário da Reciclagem 2020**. Brasília: ANCAT/Pragma LCA Consultores, nov. 2020.

ANCAT – Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis. PRAGMA Soluções Sustentáveis. **Relatório Técnico do Anuário da Reciclagem 2021**. Brasília: ANCAT/Pragma LCA Consultores, 2021.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de *et al.* Precarização do trabalho e injustiça ambiental: estudo de caso em uma cooperativa de catadores e catadoras de materiais recicláveis no município de Criciúma (SC). In: AGUILERA, Jorge González; ZUFFO, Alan Mario (Org.). **Ensaio nas ciências agrárias e ambientais 5**. 1ª ed. Ponta Grossa – PR: Antonella Carvalho de Oliveira, 2019, p. 128-143.

ÁVILA, Maria Betânia. O tempo do trabalho doméstico remunerado: entre cidadania e servidão. In: ABREU, Alice de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (Orgs.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 137-145.

BESSIN, Marc; GAUDART, Corinne. Les temps sexués de l'activité: la temporalité au principe du genre? **Temporalités** [En ligne], n. 9, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/temporalites/979>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOUVIER, Mathilde; DIAS, Sônia. Catadores de materiais recicláveis no Brasil: um perfil estatístico. Manchester, Reino Unido WIEGO – Women in Informal Employment Globalizing and Organizing. **Resumo estatístico** n. 29. Nov. 2021. 12 f. Disponível em [https://www.wiego.org/sites/default/files/publications/file/wiego-statistical-brief-n29-brazil-portuguese-2021\\_1.pdf](https://www.wiego.org/sites/default/files/publications/file/wiego-statistical-brief-n29-brazil-portuguese-2021_1.pdf). Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e dá outras providências. Brasília. **Diário Oficial da União**, 3 ago. 2010. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm). Acesso em: 15 fev. 2022.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. Brasília: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 2006, p. 17-30.

CATTANI, Antônio David. A outra economia: os conceitos essenciais. In: \_\_\_\_\_. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003, p. 9-14.

---

CHERFEM, Carolina Orquiza. **Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo**. 2014. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DEGRAFF, Deborah S.; ANKER, Richard. Gênero, mercados de trabalho e o trabalho das mulheres. *In*: PINELLI, Antonelli (Org.). **Gênero nos estudos de população**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004, p. 163-197.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Editora Planeta, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2019.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 67-75.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini, 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HIRATA, Helena. A precarização e divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 11, v. 21, jan./jun. 2009, p. 24-41. <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8854/5097>. Acesso em: 12 fev. 2023.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609 set/dez 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmDsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde**: Nêmesis da Medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

INSTITUTO PRAGMA. **Anuário da reciclagem 2023**. Brasília: Pragma/LCA Consultores. 2023.

LUCHESE, Maria Victoria Prestes; GUADAGNIN, Mário Ricardo; ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de., Localização espacial das organizações de catadores: segregação social e invisibilidade. *In*: SILVA, Clécio Danilo Dias; ROLIM, Emili Caroline de Abreu (Orgs.). **Aspectos e impactos ambientais**: o que geram as atividades do homem? Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 132-148.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MALHEIRO, Luana S. B. Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre as drogas no centro de Salvador, Bahia. In: Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), 2018, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: Secretaria Executiva do Encontro Nacional Participação, Democracia e Políticas Públicas, 2018.

MARTINS, Ingrid. Gomes *et al.* Reciclando as relações de gênero: a divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores, e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no Distrito Federal. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (Orgs.). **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016, p. 75-97.

MEDINA, Martin. Scavenger cooperatives in Asia and Latin America. **Resources Conservation and Recycling**, v. 31, n. 1, p. 51-69, dez. 2000.

MIURA, Paula C.; SAWAIA, Bader B. Tornar-se catador: sofrimento ético – político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 331-341, 2013.

MNCR – MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **Mulheres são maioria entre catadores de materiais recicláveis**. Disponível em: <http://www.mnrc.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>. Acesso em: 10 dez. 2021.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos, Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1177-1182, jul./ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9wRPZFx33WbWTM4FjrsPLTp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 20 set. 2023.

SINGER, Paul Souza. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

VALLIN, Isabella de Carvalho. **Gênero e meio ambiente: dupla jornada de injustiça ambiental em uma cooperativa de mulheres catadoras de materiais recicláveis**, 2016. 152f. Dissertação (Mestrado em Ciências – área de concentração: Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2016.

WIRTH, Ioli Gewehr. **Mulheres na triagem, homens na prensa: questões de gênero em cooperativas de catadores**. São Paulo: Annablume, 2013.

ZANELLO, Valeska, **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em 01/12/2023 | Aceito em 27/05/2024



Esta obra está licenciada  
conforme Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional